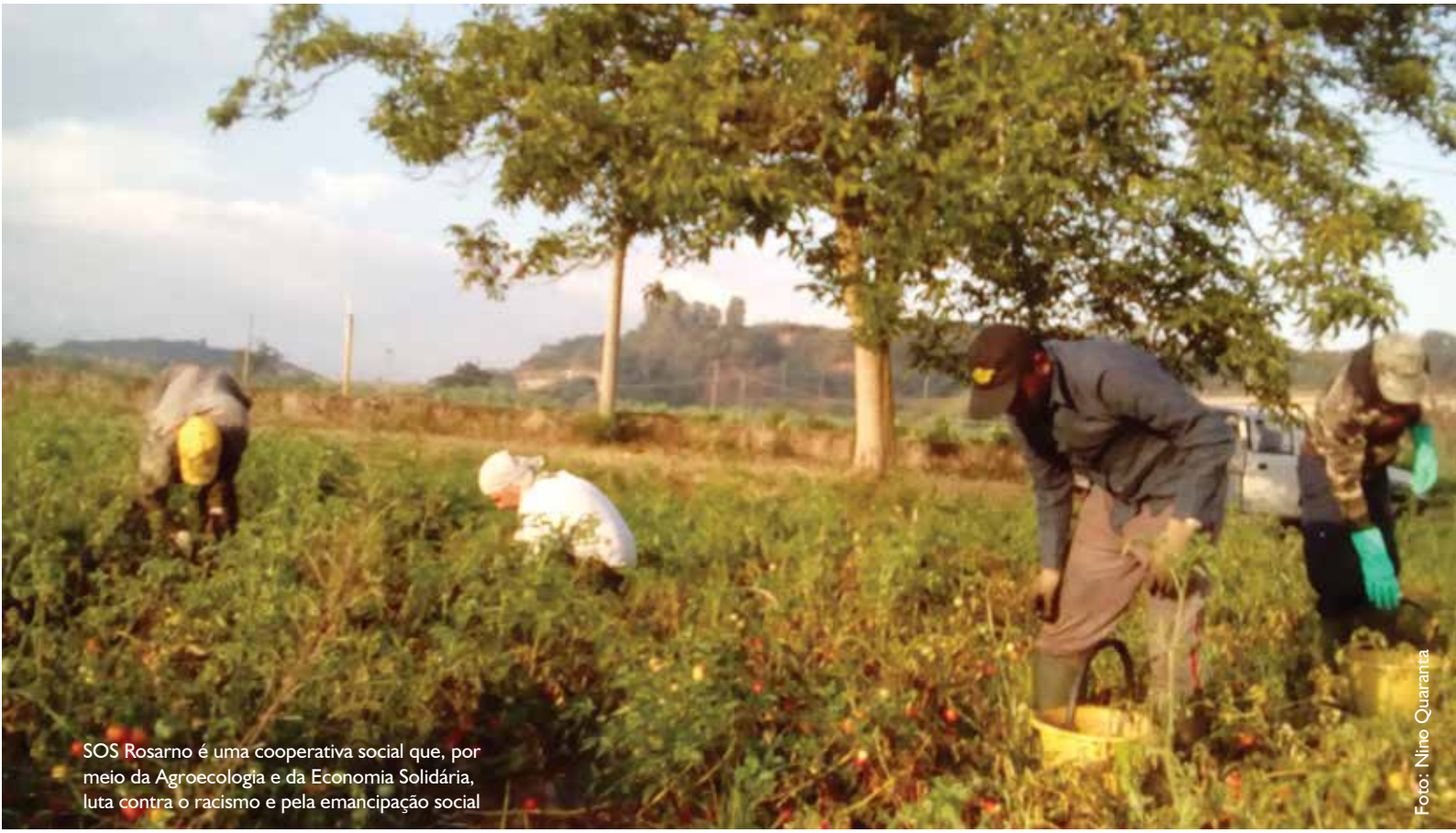
AGRICULTURA ÉTICA NO COMBATE À EXPLORAÇÃO E AO RACISMO

Ibrahim Diabaté e Nino Quaranta

Embora grande parte da produção de alimentos na Europa dependa do trabalho de imigrantes, as pessoas geralmente não têm conhecimento das péssimas condições de trabalho e vida a que estão submetidos esses imigrantes. Da mesma forma, passam despercebidas as dificuldades enfrentadas pelos pequenos produtores, que precisam lidar com os baixos preços impostos pelos grandes varejistas e grandes empresas produtoras. Na Calábria, sul da Itália, pequenos produtores e trabalhadores imigrantes estão se unindo para praticar o que eles chamam de agricultura ética*. Em Almeria, sul da Espanha, trabalhadores de uma grande empresa fornecedora de alimentos orgânicos para o norte da Europa se associam aos consumidores para lutar por direitos trabalhistas.*



SOS Rosarno é uma cooperativa social que, por meio da Agroecologia e da Economia Solidária, luta contra o racismo e pela emancipação social

Foto: Nino Quaranta

Ibrahim Diabaté, um dos autores desta história, saiu da Costa do Marfim e chegou à Itália há nove anos como imigrante legal, para estudar agricultura. Seu plano inicial não deu certo e ele então foi trabalhar em fábricas, mudou-se para diferentes cidades e acabou indo parar na Calábria, colhendo tangerinas e laranjas. Essa foi a trajetória de muitos outros imigrantes, legais e ilegais, que se instalaram no país para encontrar trabalho. A maioria deles vive em condições precárias, no frio, morando em guetos e ganhando muito pouco.

Enquanto isso, os citricultores recebem oito centavos por quilo de fruta. Mesmo os produtores de pequena escala não podem pagar adequadamente pela mão de obra com o preço que recebem por seus produtos. Com isso, a exploração de seus trabalhadores tornou-se um padrão para muitos.

UNINDO FORÇAS

No início de 2010, a população imigrante na cidade de Rosarno, um importante centro agrícola na Calábria, se insurgiu depois que dois imigrantes se feriram e organizou um protesto contra as condições em que os trabalhadores eram forçados a viver. Naquela época, Ibrahim participava de um comitê antirracismo.

Ele se mudou para Rosarno, onde entrou em contato com alguns moradores que ajudavam imigrantes fornecendo alimentos e produtos básicos. A partir daí, surgiu uma sinergia entre os dois grupos que resultou na criação do SOS Rosarno, primeiro como projeto, depois como associação. A SOS Rosarno reúne trabalhadores agrícolas e pequenos produtores sufocados pelos preços impostos pelos grandes varejistas. A associação é formada por 15 pequenos produtores de cítricos, azeite e mel, bem como artesãos, pessoas que trabalham no setor cultural e 30 a 35 trabalhadores imigrantes. Em suas terras natais, esses imigrantes costumavam trabalhar como engenheiros, eletricistas, motoristas ou contadores.

Juntos, eles visam atingir rendimentos adequados e justos, que respeitem padrões de remuneração mínimos, tanto para os trabalhadores agrícolas quanto para os produtores. Para isso, estabeleceram uma relação direta entre agricultores e cidadãos (não *consumidores*), criando cerca de 400 grupos de compra ética em todo o país. Uma característica importante dos grupos é o *preço transparente*, disponibilizado on-line para todos os usuários. Dessa forma, qualquer pessoa pode saber quanto do que ela paga remunera o trabalho dos produtores, dos trabalhadores assalariados e quanto cobre os demais custos de produção.

AGRICULTURA ÉTICA

A partir da SOS Rosarno, foi criada uma cooperativa social, a Cooperativa Mani e Terra (mãos e terra, em tradução livre). Formada por cinco italianos e sete trabalhadores imigrantes, a cooperativa garante a cada um de seus integrantes direitos iguais em termos de tomada de decisões. Nos últimos dois anos, a Mani e Terra tem alugado cinco hectares de terra para a produção durante o inverno e o verão. Os cooperados vendem seus produtos diretamente, seja para grupos de compras éticas ou para restaurantes da região.

Ao promoverem esse tipo de agricultura, estão fazendo uma declaração política: *agricultura ética* é diversificada, orgânica e com preços justos. Eles definem isso como cuidar da terra e praticar uma agricultura voltada para as pessoas que não visa o lucro. Acima de tudo, eles pensam na agricultura como meio de sustento e como forma de fornecer um bom produto para aqueles que o consomem. Para elas, pessoas ricas não devem ser as únicas a comer comida de qualidade.

A cooperativa trabalha pela diversificação e quer lutar contra a nova onda de racismo que está emergindo na Europa. Eles estão provando que é possível quebrar as barreiras linguísticas e culturais estabelecidas entre os habitantes locais e os imigrantes.

UMA GOTA NO OCEANO

Atualmente, não há demanda suficiente para produtos orgânicos na região. Esse é especialmente o caso das laranjas, que exigem mais trabalho para a colheita. Isso cria custos adicionais e resulta em preços que nem os produtores de pequena escala nem os cidadãos de menor renda podem pagar. Assim, ainda hoje, a maioria das laranjas orgânicas são vendidas abaixo do custo para grandes varejistas orgânicos ou mesmo são jogadas fora.

Na planície de Gioia Tauro, na Calábria, há cerca de três mil imigrantes sem moradia, sem emprego e sem comida. Empregar sete ou 30 deles não configura uma grande mudança, mas já é um exemplo. A SOS Rosarno está colaborando com diferentes redes no país, como a Associação Rural Italiana (ARI) e o Fuorimercato, que trabalha com distribuição direta de produtos agrícolas para cidades de toda a Itália, com foco nos direitos dos trabalhadores e no meio ambiente. Temos consciência que agora somos apenas uma gota no oceano. Mas sabemos também que existe uma ampla rede de pessoas e organizações construindo uma economia solidária que poderá se fortalecer.

IBRAHIM DIABATÉ E NINO QUARANTA
membros da SOS Rosarno e da Cooperativa Mani e Terra
ibrahimfxo@live.it, ninoquaranta@gmail.com

TRABALHADORES E CONSUMIDORES SE UNEM EM DEFESA DE DIREITOS NO SUL DA ESPANHA

Em Almeria, na Espanha, mais de 40 mil hectares de frutas e legumes são cultivados para abastecer os mercados das regiões norte e central da Europa. Mais de 130 mil trabalhadores, a maioria deles imigrantes, produzem e processam esses produtos em condições precárias.

Greve de fome como medida extrema na luta por direitos

Desde 2008, vários conflitos eclodiram em função das violações dos direitos dos trabalhadores por parte da empresa de produtos orgânicos Biosol. Mesmo em um contexto sociocultural em que a organização dos trabalhadores é extremamente precária e as leis, na maioria das vezes, se voltam contra eles, os trabalhadores ganharam força, aumentaram a sua capacidade organizacional e ampliaram a base de apoio à sua luta. Dessa forma, conseguiram obter o reconhecimento e o respeito por seus direitos. Essa conquista se deu graças à pressão combinada dos trabalhadores, do sindicato SOC-SAT na Espanha e dos consumidores no norte da Europa sobre a empresa. Cabe destacar a atuação dos consumidores alemães e suíços, que pressionaram os supermercados (Rewe, Coop e Migros) para suspender as compras da Biosol. Essa ação coordenada tornou possível reverter as demissões e concedeu uma compensação financeira aos trabalhadores que foram demitidos da empresa sem receber nenhum direito trabalhista.

O conflito mais recente envolveu seis trabalhadoras, integrantes do SOC-SAT, com contratos permanentes, que foram demitidas da Biosol por participarem de um documentário alemão sobre agricultura orgânica. Durante 14 meses, essas mulheres lutaram por seus direitos por meio de protestos, declarações públicas e uma greve de fome. Nesse caso, a campanha, apoiada por ativistas e consumidores no norte da Europa, conseguiu que a certificação orgânica, emitida pela Biosuisse, fosse suspensa até que os direitos das trabalhadoras fossem respeitados. Dois tribunais civis na Espanha decidiram em favor das mulheres declarando que elas não podiam ser demitidas por expressarem livremente idéias, críticas ou opiniões.

Agora, a atividade sindical do SOC-SAT por trabalhadores da Biosol foi reconhecida pela empresa como legítima. As mulheres realizam suas reuniões sindicais no local de trabalho e abertamente conduzem ações necessárias para continuar a proteger seus direitos e os de outros trabalhadores.

FEDERICO PACHECO
membro do SOC-SAT
pachecofederico@yahoo.es